

6.

NOVEMBRO · 2020

*Ponte de Lima:  
do passado ao presente,  
rumo ao futuro!*



# A RECORDAÇÃO, A HISTÓRIA E A ESCOLA COMO PATRIMÓNIOS DA MEMÓRIA SOCIAL DA VILA DE PONTE DE LIMA

## REMEMBRANCE, HISTORY AND SCHOOL AS HERITAGE OF THE SOCIAL MEMORY OF THE VILLAGE OF PONTE DE LIMA

Partindo da compreensão de que o passado e suas memórias agrega valor ao presente e projeta-se para o futuro, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a recordação, a história e a escola como patrimónios da memória social da Vila de Ponte de Lima. Com recurso a uma pesquisa do tipo bibliográfica e documental, verificamos as dinâmicas sociais e educativas na Vila quanto aos eventos, espaços de memória e a escola primária. Também foram utilizados alguns excertos de narrativas da memória individual da vila e da escola. O argumento teórico assenta-se no entendimento de que a vila, as suas festas e celebrações, os espaços públicos e sua escola, compõem os cenários onde são construídas as memórias individuais e coletivas. Estas memórias compõem o universo simbólico de uma identidade social, permitindo que as recordações sejam significadas e ressignificadas num movimento sociodinâmico onde o passado se faz presente em diálogo com as histórias e recordações de pessoas e de lugares.

*Based on the understanding that the past and its memories add value to the present and is projected into the future, this work aims to reflect on remembrance, history and school as heritage of the social memory of the village of Ponte de Lima. Using a*

RECORDAÇÃO, MEMÓRIA,  
EDUCAÇÃO, PATRIMÓNIO,  
HISTÓRIA DA ESCOLA,  
PONTE DE LIMA

REMEMBRANCE, MEMORY,  
EDUCATION,  
HISTORY OF SCHOOL,  
PONTE DE LIMA

*bibliographic and archival research, we verify the social and educational dynamics in the Village regarding events, spaces of memory and the elementary school. We also used some excerpts from narratives of the individual memory of the village and the school. The theoretical argument is based on the understanding that the village, events and celebrations, the public spaces and its school, compose the scenarios where the individual and collective memories are built. These memories make up the symbolic universe of a social identity, allowing the memories to be signed and resigned in a sociodynamic movement where the past is present in dialogue with the stories and memories of people and places.*

## ANA CATARINA AMORIM DE LIMA E ROONEY FIGUEIREDO PINTO

### *A memória como patrimônio individual e coletivo*

A memória é um patrimônio que transcende o momento de seu registo e transita entre os tempos, não apenas do passado para o presente, mas também de um presente para um futuro. É neste sentido que nesta reflexão propomos olhar para a memória. Como um patrimônio individual e coletivo, um bem intangível que coloca em diálogo o passado e o presente ao mesmo tempo que nos projeta para o futuro.

Este ritual de transferências mnemônicas permite-nos entender que o presente e as suas experiências possuem uma estreita relação de dependência ao conhecimento que temos do passado (Connerton, 1993). O que nos serve como ponto de partida à afirmação de que a memória é um patrimônio individual e coletivo que transita entre tempos, invocando a necessidade de se valorizar o passado para se entender o presente e se projetar o futuro.

Valorizar o passado individual ou coletivo e sua memória é igualmente agregar novos e mais duradouros significados ao presente vivido e futuro desejado. Isso porque tudo na nossa vida gira, conscientemente ou inconscientemente, em torno dessa máxima de valorização e

revalorização das temporalidades de nossa memória. Como referiu Deleuze: “O presente não dá conta de sua própria *passagem*; é preciso, portanto, que haja um aspecto temporal mais profundo, um mecanismo que explique o tempo passa. Dizer que vivemos no presente, não é suficiente.” (Zourabichvili, 2016, pp. 101-102)

É preciso que o presente simbólico recorra ao passado recordado, consoante os enlaces daquilo que se recorda ou se esquece nos quadros sociais da memória<sup>[1]</sup>. Desenvolvidos no âmbito de microcosmos sociais (família, escola, comunidade) que dialogam e se ampliam na medida em que as relações humanas evoluem no seio de uma sociedade. Toda a carga subjetiva dessas relações influencia diretamente na construção de memórias individuais e coletivas (Halbwachs, 1997), como também nos processos sociais e dinâmicos de recordação e esquecimento.

O que se recorda e o que se esquece, constitui parte do conjunto patrimonial mnésico de uma comunidade, das famílias e, por fim, dos indivíduos. Intangíveis e não pouco importantes, as recordações preenchem os espaços de nossa própria identidade individual e coletiva (Candau, 2014). O mero exercício de recordar e partilhar as recordações por meio das narrativas da memória, permite ao grupo social que se identifique com o passado narrado, encontre seus marcos memoriais e nele sustente sua própria história (Catroga, 2011).

“

*Valorizar o passado  
individual ou coletivo e sua  
memória é igualmente agregar  
novos e mais duradouros  
significados ao presente vivido  
e futuro desejado.*

”

[1] Cf.: Halbwachs, M. (1994). Les cadres sociaux de la mémoire. Paris: Albin Michel.

[2] Cf.: Ferreira, A. G. (2008). O sentido da Educação Comparada: Uma compreensão sobre a construção de uma identidade. Educação, pp. 124-138

[3] Os eventos biográficos constituem o conjunto do registo memorial individual e podem ser compostos por situações vividas pelo indivíduo (eventos biográficos vividos) ou por outrem que os partilha no grupo de seu microcosmo social (eventos biográficos não-vividos). Sobre este ponto, ver Michel, J. (2016). A Sociologia do Si. (H. Barros, Trad.) Valongo: Lema d'Origem.

[4] Para os gregos clássicos, Khrónos era a divindade que representava a natureza do tempo imutável e linear, distribuído entre o passado que se distanciava, o presente que se vivia e logo se tornaria passado e o futuro distante que se aproximava. Cf. Puente, F. R. (2012). Ensaio sobre o tempo na Filosofia Antiga. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Annablume Editora.

Ainda que essas construções narrativas provoquem flutuações de verdades ou factos considerados verossímeis para quem os recorda, a memória permite a construção de significados simbólicos que lhe perpetua no tempo. Assim, aquilo que se recorda agora, dado os significados ou valores atribuídos, é transmitido ao outro que recomeça o mesmo processo de recordar-ressignificar-partilhar. Pois, se toda a narrativa é uma ressignificação, toda a recordação é uma reconstrução da memória no discurso de quem recorda (Ricoeur, 2004).

Todo o espaço público da cidade nas suas microunidades urbanas às suas macrounidades, para além dos seus usos e sentidos atribuídos, compõe um universo individual e coletivo de imagens, simbolismos e “construções mentais a ele associadas”. (Meneguello, 2009, p. 128) Tais construções mnemónicas refletem a perspetiva sociodinâmica da memória individual e coletiva e sua relevância na construção de fenómenos intersubjetivos em ampla relação com o tempo, o espaço, as condições e seus efeitos<sup>[2]</sup>.

O compasso social do tempo denuncia a dinâmica da vida na sua forma mais intensa e rica, de maneira que os eventos biográficos<sup>[3]</sup>, aqueles que demarcam a natureza emotiva das nossas recordações, ganham maior ou menor significado à medida em que lhes promovemos na memória. Elevar ou diminuir importâncias atribuídas a este ou aquele momento vivido, faz parte de nossa reação humani-

zada aos conflitos do tempo. Recordar e esquecer é uma constante luta pessoal (ou coletiva) que exibe nossa posição entre Cila e Caríades sob o signo de Khrónos<sup>[4]</sup> e sua linearidade quantitativa e temporal que não permite retomar o que ficou no passado. Essa luta contra os monstros da temporalidade, estimula-nos à dicotómica prática social de recordar e esquecer, fortalecendo a memória das coisas ausentes de forma que o que passado se faz presente e o presente far-se-á ausente (Agostinho, 2008).

Sem negar todas as subjetividades intrínsecas na recordação em diálogo com a história e as dinâmicas sociais, a memória social eleva-se como um patrimônio individual e coletivo que resgata o passado com olhos no futuro.

## *A Vila na recordação*

A recordação é um elemento cognitivo-social dos agrupamentos humanos e neste sentido, a morfologia social das cidades, a constituição de seus espaços públicos e a utilização dos mesmos, fazem parte do substrato físico e subjetivo das representações coletivas da memória (Halbwachs, Morfologia Social, 2010). Neste diálogo de constante movimentação entre a dimensão simbólica e material dos espaços, toda a conceção política e social de uma comunidade é evocada na construção de suas memórias e de sua própria existência. Pois como refere Ítalo Calvino

Ponte do Lima—Avenida D. Luiz Filipe (festas e feiras em Setembro)



na sua obra *Cidades Invisíveis* “A memória é redundante: repete os sinais para que a cidade comece a existir.” (Calvino, 2009, p. 23).

Assim, no resgate de nossos eventos biográficos, recordamos a cidade, a vila, a aldeia e todos os espaços de ligações, para também recordar em imagens os episódios que guardamos na memória, como festas, feiras e espaços públicos (Fig.1).

O passado e a sua trama de memórias envolve cada um dos habitantes de uma vila num emaranhado de recordações que atravessa gerações por meio de memórias. Neste sentido, para aqueles que neste espaço

construíram as suas biografias, a vila de Ponte de Lima transcende a sua matriz histórica em direção ao sentido afetivo e de pertencimento. Soma-se a essa matriz histórica da vila romana que se destacava como ponto fulcral no eixo viário entre a *Gallaecia e Bracara Augusta* (Almeida & Rodrigues, 2000-2001), uma matriz de recordações e pertencimentos em cada concidadão. A vila converte-se em espaços de memória, de recordações das ruas, do comércio e sua gente, das festas e eventos (Fig. 2), da infância e da escola.

Os registos históricos servem em boa medida, para ilustrar o papel dos eventos da vila na construção

#### FIGURA 2.

Ponte do Lima, Avenida D. Luiz Filipe – Festas e feiras em Setembro.

FONTE: AMPL.

de memórias. Cardoso (2016) refere que a procissão de *Corpus Christi* de Ponte de Lima mobilizava os moradores e, assim como noutros lugares do reino, operava como uma “montra social” de seu tempo. Às festas populares, religiosas ou não, somam-se os pequenos encontros casuais, ordenados ou planeados e as visitas passageiras de amigos ou familiares. A cidade e os cidadãos interagem em seus espaços, pois assim como refere Hall:

*“Sem dúvida alguma, a cidade, para além de tudo o que representa, é uma expressão da cultura do povo que a criou, bem como um prolongamento da sociedade destinado a preencher uma rede complexa de funções, das quais, de resto, não nos encontramos muitas vezes por completo conscientes.” (Hall, 1986, p. 202)*

Todo o conjunto da memória individual e coletiva de cada geração, faz parte de histórias individuais ou de pequenos grupos que viveram uma memória registada no passado, uma memória construída em conjunto ou partilhada na mesma experiência recordada. Como refere Bosi: “Cada geração tem, da sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história.” (Bosi, 2015, p. 418) No âmbito de uma investigação sobre a memória social da escola<sup>[6]</sup>, refere uma entrevistada:

*“As pessoas ao fim de semana, muitas, iam ao cinema, que na altura havia cine-*

*ma e eu comecei a ir ao cinema desde pequena. Em determinadas ocasiões fazíamos os bailaricos, não só no Carnaval, mas assim aos fins de semana, as festas aqui da zona, festas e romarias, de resto não havia assim mais nada de especial. Ou o futebol, não havia outras atividades, assim que eu me lembre, nem teatro... não, teatro não havia. Teatro de rua às vezes havia no verão e cinema de rua. Lembro-me perfeitamente.” (E6PL)*

*“Era pequena e montavam uns ecrãs na rua. Eu lembro-me de ser ali onde é a AVIC<sup>[6]</sup> e junto à Torre da Cadeia Velha. Ora num sítio ou noutro, não me lembro quantas vezes, mas sei que algumas vezes me lembro de ser pequena e ainda davam aqueles filmes antigos do Bucha e do Estica e do Charlot e disso tudo. E no dia de feira, que era na mesma 15 dias, como é agora, havia muito aqueles fantoches, chamavam os Robertos, que faziam assim uma espécie de uma casinha e metiam-se lá as pessoas e andavam de um lado para o outro nas ruas.” (E6PL)*

Desta forma, a narrativa individual que recorda e partilha o evento biográfico no qual os espaços da vila compõem o cenário da anamnese é ao mesmo tempo o registo mnemónico da Vila de Ponte de Lima na memória individual e coletiva.

No mesmo sentido, recordamos também a escola primária e os momentos ou registos biográficos. Os seus espaços e participantes da vida escolar são parte da memória da vila e dos seus concidadãos e esta memória confunde-se com o seu próprio passado histórico.

[6] A investigação em andamento está focada na memória da escola durante o período do Estado Novo em Portugal, sendo inserida no âmbito do Doutoramento de um dos autores deste artigo.

[6] Trata-se de uma Agência de Transportes e Viagens situada no Largo da Feira, na vila de Ponte de Lima.

[7] Importa ressaltar que neste caso, o início escolar se deu com uma professora contratada para este fim, como refere o próprio Cardeal Saraiva na sua autobiografia.

## A educação e a escola na história e na memória da vila

Ponte de Lima tem um passado histórico que particularmente nos interessa no campo da educação. Foi na vila mais antiga de Portugal que Frei Francisco de São Luís Saraiva iniciou seu percurso escolar, inclusive vindo aos oito anos a estudar Latim<sup>71</sup> (Cardoso, Frei Francisco de São Luís Saraiva – O homem e os livros, 2017). Ainda nos finais do século XIX, a vila de Ponte de Lima contava com um conjunto de dezassete edifícios escolares, mas somente os edifícios das escolas de Facha, Gandara e Queijada, apresentavam um bom estado de conservação (Loureiro, 2016). Um cenário que não era muito diferente do resto do país, mas apontava alguns delineamentos preocupantes que viariam a se agravar no que toca ao

elevado índice de analfabetismo. Os jornais da vila eram, até certo ponto, abertos a publicações relacionadas à educação no concelho. Já no início do Século XX, no Jornal Cardeal Saraiva nº 184 de 18-02-1915 é publicado um artigo “Um Doloroso Quadro” (Fig. 3), elaborado pelo diretor da Escola Central Primária da Vila, o professor Caetano d’Oliveira, onde apresenta um mapa que caracteriza as freguesias e a instrução popular. Neste, enumera o número de escolas existentes no concelho naquela altura e destaca que afiguram insuficientes perante o número de alunos e a elevada percentagem de 79,8% de analfabetos contabilizados no concelho. Se por um lado, verificamos a elevada quantidade de pessoas que não sabem ler, por outro, não podemos desconsiderar que esta taxa incide significativamente no sexo feminino: “O número de rapazes na escola era sem-



FIGURA 3. Recorte do artigo “Um Doloroso Quadro” – Cardeal Saraiva, 18-02-1915.

FONTE: AMPL.

pre superior ao das raparigas: em 1910, na proporção de 10 para 6; em 1926, de 10 para 7.” (Carvalho, 2011, p. 712).

Numa ata das sessões plenárias, o Vereador da Instrução refere a ausência da frequência escolar do sexo feminino e apresenta as razões dessa ausência sublinhando que “no mês de abril último (1915) estavam matriculadas nesta escola oitenta e uma crianças, havendo apenas uma média diária de trinta e duas, o que prova a inércia e o desleixo dos chefes de família em não mandarem assiduamente à escola as suas filhas”<sup>[8]</sup>. Não raras vezes, o motivo desta “inércia” e “desleixo”, vinculado à crença de que as crianças/mulheres não careciam da necessidade de se instruir, ligava-se à força motriz do trabalho infantil na agricultura em meios rurais.

Não obstante a baixa frequência de crianças do sexo feminino, o estado das condições pedagógicas e higiénicas era insuficiente na larga maioria das escolas do concelho:” na verdade algumas ou a maior parte das escolas do concelho estão em deficientes condições pedagógicas e higiénicas não podendo portanto, os professores, convenientemente ali desempenhar-se da sua árdua missão” sendo que “na maior parte delas não existe mobiliário e material didático exigido legal e pedagogicamente”<sup>[9]</sup>. Torna-se imperativo uma melhoria e uma renovação das estruturas educativas. A pretensão de uma escola que fundisse as escolas masculinas da vila, que se encontravam em deficiente estado de

conservação, seria o mote para a criação de uma Escola Primária da Vila. No decreto publicado no Diário do Governo nº 4, série I de 06 de janeiro de 1920, sob a tutela do Ministro da Instrução Pública, Joaquim José de Oliveira, seriam atribuídos subsídios para a construção e conclusão de novos edifícios escolares por todo o país.<sup>[10]</sup>

É, desta forma, iniciado o processo de construção de uma Escola Primária Geral na vila, que permita congregar as escolas masculinas da vila. Em 1925, o Engenheiro-Chefe da Repartição das Construções Escolares desloca-se a Ponte de Lima para inspecionar um terreno na Avenida Doutor Manuel Oliveira (atual Avenida António Feijó), onde a Câmara tencionava construir o edifício<sup>[11]</sup>. Em dezembro do mesmo ano, a Câmara recebe a segunda prestação que corresponde a 50% de 12.000\$00 para a continuação das obras escolares<sup>[12]</sup>.

Será em junho de 1929 que se irá concluir a construção do novo edifício escolar, sendo designado como Escola masculina da Vila, onde passam a instalar-se as classes masculinas da vila, em outubro do mesmo ano, para seis lugares de professores, enquanto que a Escola do sexo feminino manter-se-á no antigo edifício da Rua General Norton de Matos.

Neste novo edifício – a Escola Primária Elementar da Vila – é apresentada uma petição pelos pais para a criação de uma secção infantil mista para crianças de seis anos completos, dado que existiam salas suficientes e que poderiam

[8] Ata da sessão plenária de CMPL de 15 de agosto de 1915 [AMPL].

[9] Ata da sessão plenária da CMPL de 15 de agosto de 1915[AMPL].

[10] No decreto é referida a atribuição de 12.000\$00 para a vila, 3.000\$00 para a freguesia de Arcozelo, 3.000\$00 para a freguesia de Fornelos, 5.000\$00 para a freguesia de Refoios do Lima e 4.000\$00 para a freguesia de Freixo.

[11] Jornal Cardeal Saraiva nº 636 de 26 de março de 1925 [AMPL].

[12] Ata nº 82 de 26 de dezembro de 1925[AMPL].

[13] Ata nº 83 de 03 de outubro de 1929 [AMPL].

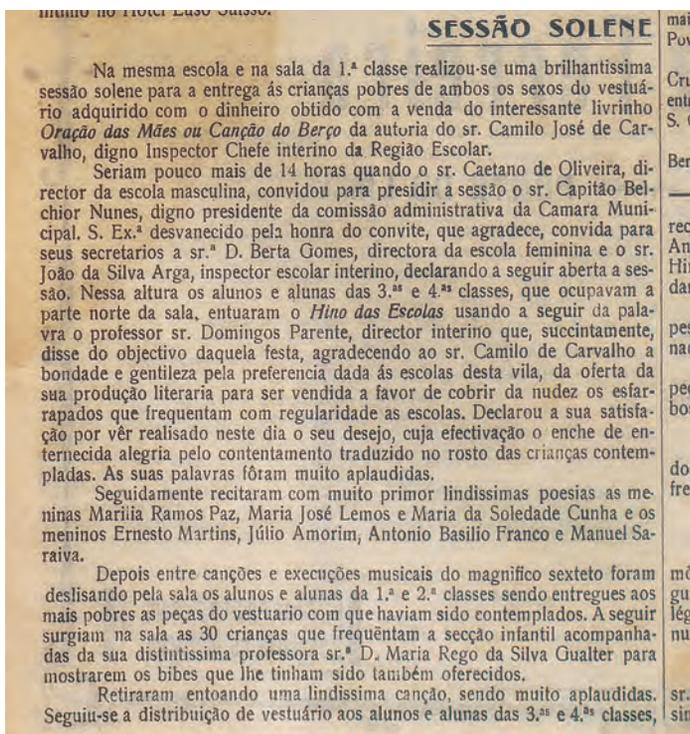
[14] Ata nº 83 de 12 de setembro de 1929[AMPL].

[15] Jornal Cardeal Saraiva nº 827 de 05-04-1930 [AMPL].

permitir a instalação de meios para receber 60 crianças que habitavam no centro da vila<sup>[13]</sup>. Desta forma, é concedido um orçamento de 2.500\$00 pela Câmara Municipal para a execução desta secção infantil<sup>[14]</sup>. Somente no ano seguinte, se concretiza a criação desta secção, contabilizando-se 30 crianças. A inauguração oficial da escola aconteceu no dia 29 de março de 1930, onde se realizou uma sessão solene e uma Conferência Pedagógica (Fig. 4 e 5). A Conferência Pedagógica, com o título “O Ensino inicial da leitura”, teve a duração de duas horas e foi proferida pelo Inspector Escolar Interino da Região, João da Silva Arga, onde foram abordados os métodos a utilizar no ensino da leitura, referindo que “o

professor é que deve ir ao encontro da criança” e não o contrário e que “o verdadeiro método fá-lo o professor, se ele for, por assim dizer, como o médico, que, depois de auscultar o doente, lhe aplica a terapêutica mais conveniente”<sup>[15]</sup>. Desde o início do seu funcionamento, a Escola Primária Elementar da Vila recebeu a realização das provas de 2º grau, concentrando os alunos de todas as escolas do Concelho que propunham os seus alunos para o Exame. Contudo, com o crescimento da populacional, o consequente aumento do número de alunos incrementou a necessidade de se recorrer ao empréstimo de salas de entidades particulares, como o Palacete Vila Moraes, “há vários anos (...) para aí se efetuarem exames em

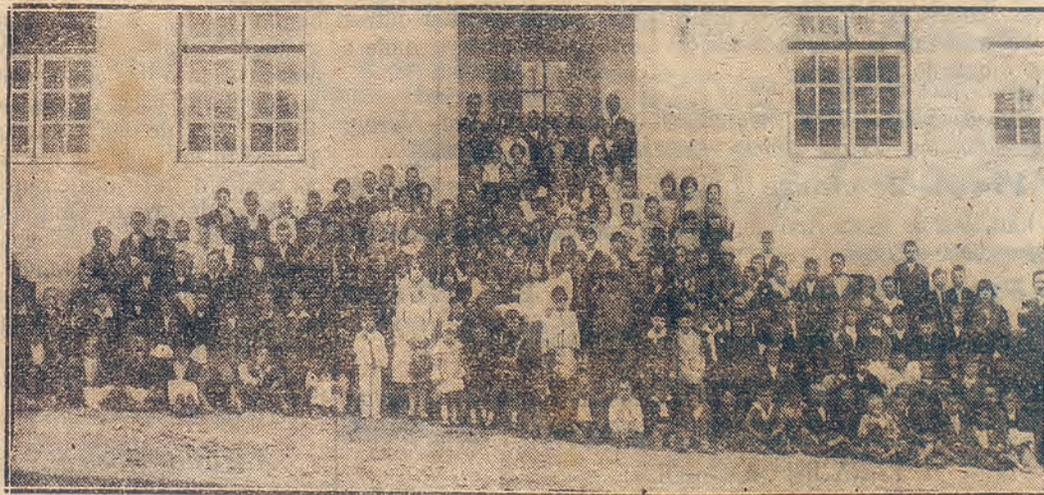
“  
*A inauguração oficial da escola aconteceu no dia 29 de março de 1930, onde se realizou uma sessão solene e uma Conferência Pedagógica (...)*  
 ”



**FIGURA 4.**  
 Recorte do artigo “Sessão Solene” – Cardeal Saraiva, 05-04-1930.

FONTE: AMPL.

## Na porta principal do novo edificio escolar



Inspectores, presidente da Camara, professores e alunos das escolas primárias elementares desta vila, por ocasião da sessão solene, ali realzada, em 29 de Março findo.

### FIGURA 5.

Recorte do artigo “Na porta principal do novo edificio escolar” – Cardeal Saraiva, 23-04-1930.

FONTE · AMPL.

virtude do seu número existente ser muito exíguo.”<sup>[16]</sup>

As festas escolares, comemorações, récitas e saraus, na década de 30, por exemplo, constituem atividades fora do âmbito curricular e proporcionam momentos de convivência e preservação de tradições escolares, ao mesmo tempo que se imprime ao panorama cultural e social uma identidade criada pelos elementos da comunidade educativa, nomeadamente, professores e alunos.

O espaço público onde decorriam estas festas, o Teatro Diogo Bernardes, inaugurado em setembro de 1896, permanece na memória como o local privilegiado de gerações, ao longo de décadas, de acesso à cultura, designadamente o teatro, a música, os bailes, o cir-

co, todo o tipo de récitas, declamações e saraus e, mais tarde, o cinema, desde o mudo ao sonoro incluindo o cinema a cores. Com efeito, é determinante para o desenvolvimento da cultura local o acesso às manifestações artísticas da época e, por essa razão, concordamos com a célebre afirmação de Almeida Garret que caracterizou o teatro como o “elemento maior da cultura” ou sinónimo de “civilização”, contribuindo com a sua função recreativa e educativa, quer para adultos, quer para crianças, “desempenhando um importante papel socializador”, sobretudo pela importância do papel da instrução, que, para “as crianças pertencentes a camadas mais desfavorecidas socialmente, a educação e o estudo constituem

uma forma de promoção cultural e social” (Bastos, 2006, p.82).

Para ilustrar esta breve referência, veja-se o caso da Revista dos Costumes Escolares, escrita por Malafaia Neto, levada à cena pelas crianças de ambos os sexos das Escolas Centrais da Vila, no Teatro Diogo Bernardes, por ocasião das Conferências Pedagógicas em 1936 (Figura 6).

Em 1957, o Ensino primário já se encontrava disponível para ambos os sexos na Escola Primária Elemental da Vila, no entanto, a sua capacidade de lotação estava no limite (Figs. 7 e 8). Nesse sentido, o Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima envia uma carta ao Ministro da Educação Nacional a solicitar a construção de uma nova escola de Ensino Primário que permitisse ter capacidade para 8 salas, concentrando as escolas da vila, visto que a Escola não dispunha de condições para a frequência de ambos os sexos<sup>[17]</sup>.

A necessidade da construção de um novo edifício escolar tornava-se essencial sobretudo porque se impunha o futuro prolongamento do ensino para a 5ª e 6ª classes. A Direção Geral das Construções Escolares autoriza a construção de um edifício escolar destinado ao Ensino Primário composto por 12 salas em setembro de 1972<sup>[18]</sup> e, em 1979, a nova escola entra em funcionamento.

Com a mudança de instalações do Ensino Primário, o edifício anterior fica disponível para continuar a ser sede da Delegação Escolar, mas um grupo de pais faz-se representar junto do Município

para solicitar a cedência da Escola para Jardim de Infância, no início da década de 80. Neste sentido, e após ter sido autorizada a instalação de uma secção para Jardim de Infância, na área do rés-do-chão do edifício, o grupo de pais criou as condições necessárias para este efeito, pintando e dotando o espaço com o mobiliário e materiais suficientes para a prática deste ciclo de ensino.

Desta forma, na antiga escola primária da vila passa a funcionar a Delegação Escolar do Concelho no primeiro andar e o Jardim de Infância no rés-do-chão, permanecendo até cerca do ano 2000, data em que estes serviços passam para o edifício construído de raiz, encerrando assim para obras profundas de reestruturação, rea-

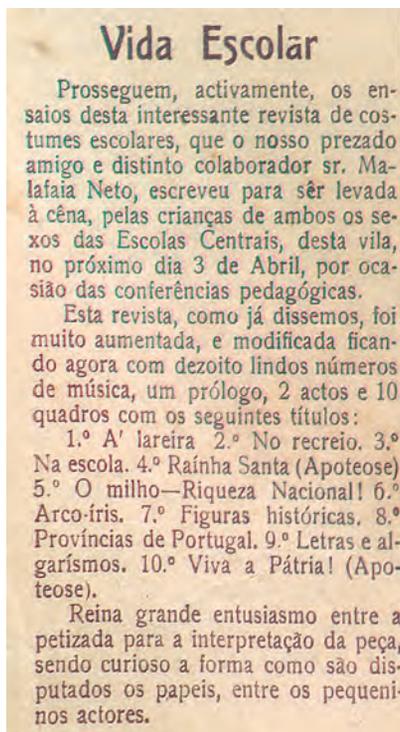


FIGURA 6.

Recorte do artigo “Vida Escolar” – Cardeal Saraiva nº1049, 05-03-1936.

FONTE: AMPL.

[16] Ata da Reunião ordinária da Câmara Municipal de Ponte de Lima de 10 de julho de 1967 [AMPL].

[17] Offício nº 1394 de 06 de junho de 1957 [AMPL].

[18] Offício 4407 de 25 setembro de 1972 da Direção Geral das Construções Escolares do Ministério das Obras Públicas (MOP) [AMPL].

[19] O Edifício também é utilizado atualmente por diversas entidades: Universidade Aberta, Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), AMA – Fundação para o Autismo e Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM).

brindo em 2003 como Espaço Internet, serviço pertencente ao Município de Ponte de Lima.<sup>[19]</sup>

Tendo sido sede da Delegação Escolar do Concelho, o edifício da antiga escola primária da vila transforma-se em espaço de recordações de professores e alunos que mesmo sem viver na vila, vinham a Delegação Escolar para prestar exames ou providenciar documentos. Neste conjunto de circunstâncias, o edifício acumula um património mnemónico que ainda permanece vivo na memória de muitos que por ele passaram.

A dinâmica deste espaço, que se dividia em espaço escolar e ao mesmo tempo Delegação Escolar do Concelho, foi suficiente na construção de memórias muito pontuais. Neste sentido, é comum que uma ou outra professora ou um(a) ex-aluno(a) recorde algo como um trecho de um livro, de um painel. Numa dessas recordações uma ex-professora recorda: “Eu até andei numa escola que tinha os quadros de Salazar. E há um que nunca me esqueci ‘batatas postas debaixo da

vinha, enche a adega, enche a cozinha” (E1PL). Noutro caso, outra recorda: “Quando isto era escola, trabalhamos aqui” (E9PL).

O fato de estar no espaço onde antes deu aulas é igualmente um despertar de recordações, como apontou uma ex-professora: “Depois vim trabalhar para aqui, para esta escola”, indicando a escola da vila (E2PL). Da mesma forma, recorda uma ex-aluna: “O exame do quarto ano fiz aqui nesta escola” (E6PL). Ao recordar os exames feitos na escola da vila, recorda-se todo um cenário que se completa à medida em a narrativa avança e o discurso da memória atribui a ele novos e mais atuais significados.

Como já indicamos anteriormente, a escola atua como um lugar de memórias e a sua simples recordação evoca os momentos e os seus significados, consoante aquele que recorda e aquele que ouve a narrativa da memória, ou seja, a recordação como “vivência interior na qual a identidade do eu (...) unifica os diversos tempos sociais em que participa” (Catroga, 2011, p. 12).

#### FIGURA 7 E 8.

Escola Primária da Vila, 1957.

FONTE: AMPL.



Como refere Mota (2010) “A memória individual emerge como resultante de uma relação polarizada de diferentes memórias (pessoais, familiares, de grupo, etc.) radicada numa construção permanente” (p. 389). A escola onde se esteve a dar aulas, a escola onde se estava para fazer os exames, a escola e o(a) professor(a), estão todas elencadas nos marcos memoriais dos eventos biográficos vividos na escola da vila. É da identificação das pessoas com os lugares, dessa eleição de “lugares da memória”, que a recordação preserva o passado e guarda as nossas experiências. (Amaro, 2015)

Não se contesta o facto de que o passado das escolas se confunde com o próprio passado das pessoas e das suas comunidades (Pinto, Gomes Ferreira, & Mota, 2018) e, neste microcosmo social, rico em experiências individuais e coletivas, habita a recordação e o esquecimento, pois recordar o passado das escolas é igualmente recordar o passado das pessoas que por ela passaram. Desde muito pequenos, ao iniciarmos o ritual escolar, este espaço de aprendizagem converte-se ao mesmo tempo em espaço contínuo de construções simbólicas e desenvolvimento de nossas percepções (Dolto, 2019) do outro e de nós mesmos.

### *Considerações Finais*

Felizmente, graças ao acervo documental disponível no Arquivo Municipal da Vila de Ponte de Lima, foi possível aceder a todo um conjunto de documentos como

fotografias, atas de reunião, decretos e publicações em jornais da vila. Estes documentos históricos contribuíram em boa medida para a construção de nossa memória histórica sobre a Vila de Ponte de Lima, fornecendo um vislumbre do passado através dos registos oficiais como atas de reunião, decretos e outras publicações.

Tais fontes servem de apoio à compreensão da estrutura dos eventos, o seu enquadramento político e social e as suas dimensões. Somam-se a estes, as publicações nos jornais locais, muito particularmente ao que se publicava no jornal Cardeal Saraiva. Dessas publicações foi possível destacar marcos memoriais em torno da construção e da inauguração da Escola Primária da Vila.

Algumas fotografias em postais antigos, ilustraram momentos sociais na vila, tais como a “feira quinzenal” e as “festas e feiras de setembro” e as referências aos aspetos culturais, como o cinema e os bailes. Todo este conjunto mnésico constitui um relevante espólio de memórias individuais e coletivas, como vimos numa das narrativas sobre as recordações da vida social e cultural na Vila.

Ainda do ponto de vista histórico, privilegiando as memórias individuais e coletivas, dedicamos a parte final do trabalho ao tema da educação e a escola na história e na memória da Vila de Ponte de Lima. Verificamos que embora a educação fosse um tema sempre presente na Vila, o contexto do analfabetismo, que se repercutia em todo o país,

“

*Desde muito pequenos, ao iniciarmos o ritual escolar, este espaço de aprendizagem converte-se ao mesmo tempo em espaço contínuo de construções simbólicas e desenvolvimento de nossas percepções (Dolto, 2019) do outro e de nós mesmos.*

”

“  
*(...) podemos constatar que alunos e professores recordam a escola como uma parte de sua vida, no âmbito das suas mudanças e concretizações pessoais, identificam-se com ela e a ela recorrem para resgatarem lembranças.*  
”

era um tema preocupante. A construção da Escola Primária da Vila desenvolve-se no impulso de solucionar este problema.

A construção da escola foi devidamente anunciada e documentada no jornal Cardeal Saraiva, bem como sua inauguração e afirmação ao longo dos anos. Juntamente com a evolução da Vila e os muitos contextos sociais e políticos que se abatem sobre o país, a Escola adapta-se e reveste-se de inúmeros significados. A mudança de escola para Jardim de Infância e ao mesmo tempo Delegação Escolar não diminui a carga simbólica da escola nos marcos da memória, atribui-lhe novos e mais alargados significados e amplifica a sua pertinência na memória.

Neste sentido, podemos constatar que alunos e professores recordam a escola como uma parte de sua vida, no âmbito das suas mudanças e concretizações pessoais, identificam-se com ela e a ela recorrem para resgatarem lembranças. Assim, visitar o local na lembrança e visitar fisicamente o objeto recordado, são catalisadores de emoções e recordações distintas. Estas recordações compõem o património mnésico da vila de Ponte de Lima, urgindo a necessidade de ser devidamente preservado e valorizado.

Embora subjetiva, a recordação assume o seu lugar de destaque, contribui para a afirmação de uma identidade social e cultural e para a construção de lugares de memória, da mesma forma que a história permite entrar em contacto com os registos do passado. Toda a riqueza

mnemónica e social do passado recordado assume nesta reflexão uma importância singular na afirmação da recordação, da história e da escola como patrimónios da memória social da Vila de Ponte de Lima.

#### LISTA DE SIGLAS

- CMPL · Câmara Municipal de Ponte de Lima
- AMPL · Arquivo Municipal de Ponte de Lima

#### FONTES DOCUMENTAIS

- CMPL – Ata nº 82 de 26 de dezembro de 1925 [AMPL]
- CMPL – Ata nº 83 de 12 de setembro de 1929 [AMPL]
- CMPL – Ata nº 83 de 03 de outubro de 1929 [AMPL]
- CMPL – Ata da Reunião Ordinária de 10 de julho de 1967 [AMPL]
- CMPL – Ofício nº 1394 de 06 de junho de 1957 [AMPL]
- Diário do Governo nº 4, série I de 06 de janeiro de 1920 [AMPL]
- Jornal Cardeal Saraiva, nº 184 de 18-02-1915 [AMPL]
- Jornal Cardeal Saraiva, nº 827 de 05-04-1930 [AMPL]
- Jornal Cardeal Saraiva, nº 829 de 23-04-1930 [AMPL]
- Ofício 4407 de 25 setembro de 1972 da Direção Geral das Construções Escolares do MOP [AMPL]

## BIBLIOGRAFIA

- Agostinho, S. (2008). *Confissões*. (L. C. Couto, Trad.) Braga: Livraria Apostolado da Imprensa.
- Almeida, C. A., & Rodrigues, S. R. (2000-2001). Uma intervenção arqueológica nas portas de Braga da Vila de Ponte de Lima. *Portugália*, 21-22, pp. 191-248.
- Amaro, G. d. (2015). *Pessoas, objetos e sentimentos. Ensaios e reflexões sobre a construção social do patrimônio*. Lisboa: Colibri; Centro UC Patrimônio Cultural.
- Bastos, G. (2006). *O Teatro para Crianças em Portugal – História e Crítica*. Lisboa: Caminho – Coleção Universitária.
- Bosi, E. (2015). *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Calvino, Í. (2009). *As cidades invisíveis*. (J. C. Barreiros, Trad.) Sant Vicenç dels Horts, Espanha: COFINA.
- Candau, J. (2014). *Memória e Identidade*. (M. L. Ferreira, Trad.) São Paulo: Contexto.
- Cardoso, A. B. (Dezembro de 2016). O cotidiano de Ponte de Lima entrevistado pelo Livro dos Acórdãos (1661-1735). *Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!*, 1, pp. 25-39.
- Cardoso, A. B. (Maio de 2017). Frei Francisco de São Luís Saraiva – O homem e os livros. *Ponte de Lima: Do passado ao presente, rumo ao futuro!*, 2, pp. 45-62.
- Carvalho, R. d. (2011). *História do Ensino em Portugal: Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do Regime de Salazar-Caetano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Catroga, F. (2011). *Os passos do homem como restolho do tempo. Memória e fim do fim da história*. Coimbra: Almedina.
- Connerton, P. (1993). *Como as sociedades recordam*. (M. M. Rocha, Trad.) Oeiras: Celta Editora.
- Dolto, F. (2019). *Tout et langage*. Paris: Gallimard.
- Ferreira, A. G. (2008). O sentido da Educação Comparada: Uma compreensão sobre a construção de uma identidade. *Educação*, pp. 124-138.
- Halbwachs, M. (1994). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel.
- Halbwachs, M. (1997). *La mémoire collective*. Paris: Albin Michel.
- Halbwachs, M. (2010). *Morfologia Social*. (F. d. Miranda, Trad.) Lisboa: Edições 70.
- Hall, E. T. (1986). *A dimensão oculta*. (M. S. Pereira, Trad.) Lisboa: Relógio D'Água.
- Loureiro, J. C. (Dezembro de 2016). Escolas e professores em Ponte de Lima na última década do Séc. XIX. *Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!*, pp. 9-21.
- Meneguello, C. (2009). Espaços e vazios urbanos. Em C. Fortuna, & R. P. Leite, *Plural de cidade: Novos léxicos urbanos* (pp. 127-137). Coimbra: Almedina; CES.
- Michel, J. (2016). *A Sociologia do Si*. (H. Barros, Trad.) Valongo: Lema d'Origem.
- Mota, L. (2010). Memória, história e discursos identitários: contributos para um debate. Em M. M. Ribeiro, *Outros combates pela História* (pp. 389-408). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Pinto, R. F., Gomes Ferreira, A., & Mota, L. (2018). Entre passado e presente: A memória da escola do tempo do Estado Novo em Portugal. Em J. M. Sara González, *La práctica educativa. Historia, Memoria y Patrimonio* (pp. 541-550). Salamanca: FahrenHouse.
- Puente, F. R. (2012). *Ensaios sobre o tempo na Filosofia Antiga*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Anna-blume Editora.
- Ricoeur, P. (2004). *Memory, History, Forgetting*. (K. Blamey, & D. Pellauer, Trads.) Chicago; London: The University of Chicago Press.
- Zourabichvili, F. (2016). *Deleuze: Uma Filosofia do Acontecimento*. (L. B. Orlando, Trad.) São Paulo: Editora 34.